

LICÃO 9 – CONFRONTANDO OS INIMIGOS DA CRUZ DE CRISTO

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

FILIPENSES 3

18 Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.

- Este versículo será comentado abaixo, junto ao texto da leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

FILIPENSES 3.17-21

17 Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam.

- Até este ponto no capítulo 3, o enfoque de Paulo esteve na ameaça que os ensinadores judaicos representavam para a Igreja. O objetivo destes era impor os regulamentos da lei judaica aos gentios que professavam a fé em Cristo. A presente parte deve ser vista como uma extensão do enfoque em que Paulo desafia os seus seguidores a permanecerem firmes contra todo tipo de falsa doutrina, devendo principalmente ser imitadores de Paulo e de outros que seguem seu exemplo. O apóstolo observa as características gerais dos falsos mestres (vv. 18,19), e então passa à doxologia escatológica (que tem significativos paralelos com a figura de Cristo descrita em Fp. 2.6-11). Conclui esta seção com um apelo pessoal, para que os filipenses permanecessem firmes. Este apelo revela o relacionamento próximo que este apóstolo tinha com a Igreja em Filipos.

- Esta seção (Fp. 3.17-21) desenvolve a declaração do v. 16 deste capítulo (“Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra e sintamos o mesmo”). Não pode haver verdadeiro progresso na inquirição espiritual a menos que sejamos fieis àquilo que já sabemos, que já nos foi revelado. Paulo se apresenta como exemplo de como isso deve ser feito. O apóstolo mostra que alguns indivíduos estavam pervertendo o evangelho de Cristo, tendo-se tornado seus inimigos. Ora, se alguém corromper a natureza mais elevada de sua fé, isso não tardará a transparecer em sua conduta.

- Este v. 17 fornece a transição da seção anterior a uma aplicação mais ampla da verdade que Paulo já havia compartilhado. Define em condições práticas a frase: “naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra e sintamos o mesmo” (v. 16). Os filipenses são chamados a fazê-lo como imitadores de Paulo.

- “Imitadores”, no original grego, é *summimetes*, palavra usada apenas aqui, mas a ideia é a mesma de Ef. 5.1 e de 1Co. 4.16. A palavra *mimetes* significa copiar um exemplo e é reforçada pela preposição *sum* (dando o sentido de “junto”). Consequentemente, a Nova Versão Internacional (NVI) traduz esta frase como: “sigam unidos o meu exemplo”. Este não é um pedido incomum de Paulo aos seus seguidores (1Co. 4.16; 2Ts. 3.7). Devem observar aqueles que andam de acordo com o exemplo de Paulo e viver suas vidas tendo em vista este modelo. A mesma referência é feita aos cristãos de Tessalônica (1Ts. 1.7), a Timóteo (1Tm. 4.12) e ao próprio Paulo (2Ts. 3.9). Paulo menciona o estilo de vida deste exemplo a ser seguido, em contraste com aqueles que “são inimigos da cruz de Cristo” (Fp. 3.18).

- Paulo desafiou os filipenses a imitarem a Cristo usando seu próprio padrão ou exemplo, à semelhança da recomendação que fizera aos coríntios (1Co. 11.1). Isso certamente não quer dizer que deviam copiar tudo o que o apóstolo fazia, pois tinha acabado de afirmar que não era perfeito (Fp. 3.12). Mas, assim como direcionava sua vida buscando ser semelhante a Cristo, os filipenses também deveriam imitá-lo. Portanto, imitar a Paulo é, em última instância, imitar o próprio Cristo.

- Não devemos ver aqui qualquer presunção, falta de modéstia ou falsa humildade de Paulo. Trata-se, na verdade, de uma coragem espiritual e moral de colocar-se, em Cristo, como referência de vida e fé para a igreja. Paulo mostrou que a verdadeira humildade acata serenamente a responsabilidade de vivermos uma vida digna de ser imitada, sobretudo nos tempos atuais, em que estamos tão carentes de referências ministeriais.

- Os Evangelhos talvez ainda não tivessem sido divulgados. Portanto, Paulo não poderia pedir que lessem a Bíblia para que conhecessem mais a pessoa de Cristo. Assim sendo, restava-lhe pedir que o imitassem. E isso representa um testemunho de seu caráter. Será que podemos fazer o mesmo?

- A expressão “tende cuidado” é tradução do grego *skopos*, significando “um alvo ou marca”. É também usada apenas neste texto, mas com o mesmo significado de *skopeo*, empregada em Rm. 16.17. A ideia deste vocábulo é o de manter os olhos fixos em alguma coisa, com cuidadosa observação. Talvez Paulo tivesse querido preservar a metáfora da carreira, que já havia empregado no v. 4 deste Capítulo, para indicar a ideia de “pressionar em direção ao alvo”, que os crentes filipenses vissem Paulo correndo bem na direção da “meta”, que lhe imitassem o exemplo, a fim de que, juntamente com ele, pudessem atingir o alvo final, a saber, a herança da salvação.

- “Exemplo”, no original grego, é *tupos*, que significa “impressão visível”, “cópia”, “imagem”, “padrão”, “modelo”. Esse mesmo vocábulo grego é também empregado em Rm. 5.14, 6.17, 1Co. 10.11 e 1Ts. 1.7. Originalmente, esse termo significava “impressão deixada por uma pancada”. Daí passou a indicar qualquer forma de imagem, cópia ou modelo. A impressão da imagem de Cristo fora deixada na vida de Paulo pelo “golpe” da influência de Cristo. Em Paulo, por conseguinte, podia ser visto aquilo que Cristo espera de um homem remido.

- Paulo dava a outros o modelo da vida moral a ser seguida, da inquirição espiritual intensa exigida dos crentes, por ser ele mesmo um modelo desse exemplo, incorporando os elementos essenciais do que significa alguém ser discípulo de Cristo, já que o próprio Cristo é o modelo perfeito.

- A palavra “nós” pode referir-se diretamente a Paulo e a seus associados, como Timóteo e Epadroto, e talvez também a outros líderes cristãos conhecidos pelos crentes filipenses. Paulo

haveria de mandar Epafrodito quase imediatamente, com esta epístola, aos filipenses (ver Fp. 2.25); e Timóteo seguiria pouco mais tarde. Os filipenses, pois, deveriam dar atenção a esses dois obreiros do evangelho, desviando-se dos legalistas para que pudessem continuar seguindo a Cristo, para que pudessem mostrar-se intensos em sua inquirição espiritual. E havia outros crentes exemplares que poderiam ser imitados, conforme Paulo aqui exorta.

- O texto do v. 17 deixa claro que não existe separação entre os obreiros e o restante da igreja, como se apenas os obreiros precisassem ser exemplos e a igreja pudesse viver de qualquer maneira. Todos os crentes são sacerdotes (1Pe. 2.9) e, portanto, todos devem viver de modo igualmente digno e santo.

18 Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.

- Nos versos 18 e 19, Paulo muda seu enfoque para os falsos mestres. É difícil saber de quem Paulo está falando aqui. Vários grupos, inclusive os judaizantes, judeus, gnósticos libertinos e professores itinerantes, foram propostos como possibilidades. Tal especulação pode ser desnecessária, pelo fato de Paulo parecer estar mostrando as características gerais de pessoas que vivem como inimigos da cruz de Cristo. Os assuntos não são novos para os filipenses, visto que, aparentemente, Paulo tratou estes mesmos assuntos com eles em ocasiões anteriores (Fp. 3.1). O ponto a se observar no v. 18 é o impacto que esta situação causou em Paulo. Sua preocupação com a integridade da mensagem do evangelho com a igreja recém formada é tão intensa, que a possibilidade do acesso das falsas doutrinas o faz chorar.

- A expressão “muitos há”, no original grego, é *peripateo*, que significa “andar”, usada metaforicamente para indicar a conduta de vida, ainda que negativa, como aqui. Por isso esse trecho tem sido traduzido como “muitos andam entre nós” (embora o “entre nós” não conste do texto original), servindo de prova de que Paulo falava de cristãos professos.

- O “muitas vezes vos disse” deve significar que Paulo lhes falou pessoalmente, quando esteve em Filipos, pois não consta que Paulo tenha escrito outra carta aos filipenses (embora alguns defendam, com base no texto de Fp. 3.1, que houve outras cartas anteriores a esta de Paulo aos filipenses; mas, como já dissemos em comentário a esse texto anteriormente, ele não é indicativo de que tenha havido outras cartas de Paulo aos filipenses; a referência de Fp. 3.1 pode ser aos ensinamentos pessoais que Paulo lhes ministrou, ou mesmo a cartas que Paulo escreveu a outras igrejas, que circulavam nas igrejas e podem ter chegado a Filipos).

- A profunda emoção aqui revelada por Paulo (“digo, chorando”) teria sido provocada, mais provavelmente, por crentes traidores do que por pagãos cuja sensualidade e mundanismo eram tão conhecidos do apóstolo. Certamente ele se sentia mais profundamente afetado ante a vergonha e o dano feito contra a igreja, por cristãos professos, devido às condições infelizes e perigosas deles. Isso pode ser confrontado com as declarações de Paulo concernentes à sua necessidade de escrever com grande severidade para os crentes coríntios: “em muita tribulação e angústia do coração, vos escrevi, com muitas lágrimas” (2Co. 2.4).

- A tristeza especial do apóstolo, sem dúvida alguma, derivava da devassidão própria do antinomianismo que se abrigava debaixo de sua pregação de liberdade e da superioridade do Espírito acima da lei. Suas lágrimas servem de evidência que ele não estava motivado pela inveja ou pelo ódio aos homens, e nem por qualquer disposição de escárnio, e nem pela insolência do mau temperamento, mas pelo zelo piedoso, porquanto também via que a igreja estava sendo

miseravelmente solapada por elementos tão pestíferos. Sem dúvida convém que nos preocupemos se virmos que o lugar dos pastores é ocupado por pessoas ímpias e sem valor. Cumpre que suspiremos e evidenciemos nossa tristeza, pelo menos com nossas lágrimas, dando a entender que sentimos profundamente a calamidade da igreja.

- Esses inimigos eram, segundo a melhor interpretação, crentes professos que estavam corrompendo o evangelho com suas vidas imorais e falsos ensinamentos. Uma das razões da grandeza de Paulo era que ele possuía convicções firmes, cujo coração ficava muito intranquilo quando o evangelho era distorcido ou quando as pessoas a quem ele ministrava corriam perigo de deixar a fé (ver Fp. 3.2; Gl. 1.9).

- As acusações aqui feitas pelo apóstolo indicam a corrupção tanto de doutrinas como da prática diária. Doutrinariamente, porque os tais eram “inimigos da cruz de Cristo”, degradando o valor da expiação consumada de Cristo, por meio da adição dos méritos humanos, adquiridos mediante as observâncias legalistas (o que era ação dos “judaizantes” legalistas no seio da igreja cristã), ou mesmo ignorando totalmente a expiação pelo sangue de Cristo (o que era ação possível de elementos vindos do paganismo, filósofos, mas que não compreendiam a expiação do Rei crucificado).

- Todavia, o versículo seguinte aponta definitivamente para uma vida diária corrupta. Assim, pois, alguns indivíduos eram meramente legalistas e pregavam outro evangelho (ver Gl. 1.8-9), embora não se caracterizassem por defeitos morais profundos; mas havia aqueles que eram moralmente perversos. E também havia quem fosse doutrinária e moralmente pervertido. No entanto, todos se encontravam nas fileiras cristãs, professando a Jesus como o Messias e como o Salvador. Em todos os tais, entretanto, Paulo via um exemplo negativo, que precisa ser evitado.

- Paulo atacava elementos pertencentes à igreja cristã, não associados possíveis dos crentes, no mundo. Talvez houvesse alguns indivíduos de tendências gnósticas, que reduziam a posição elevadíssima de Cristo a um dos *aeons* ou seres angelicais, os quais, conforme diziam os gnósticos, exerceriam domínio sobre certos centros, mundos, lugares celestiais etc. Alguns gnósticos reduziam Cristo a apenas um dos muitos chamados “deuses”, cuja esfera de autoridade é esta terra; e vários deles nem ao menos reputavam Cristo como o maior desses deuses. Outros gnósticos eram extremamente libertinos em seus atos, porquanto pensavam que o corpo é a origem mesma do pecado, ao passo que o espírito seria inatingido pelo pecado. Ainda conforme diziam, o corpo participa da matéria crassa, pelo que não pode ser remido; ao morrer o corpo físico, terminaria o problema do pecado, e o espírito ficaria inteiramente livre dele. Ora, o resultado lógico e prático disso é que os gnósticos imaginavam que aquilo que acontece ao corpo é destituído de importância, podendo ele ser usado para qualquer finalidade vergonhosa e imoral, porque isso em nada afetaria ao espírito.

- Também havia os filósofos epicureus, a maioria dos quais não cria na imortalidade, pelo que também enfatizavam os prazeres dos sentidos, o que os conduzia a muitos atos de imoralidade. É bem possível que houvesse muitos pagãos dessa natureza, que realmente nunca se tinham convertido, que se associavam à igreja, deixando-se atrair pela mensagem cristã ou pelos prodígios feitos entre os crentes, mas que na realidade nunca se haviam arrependido e nem viviam realmente a vida cristã.

- Alguns estudiosos pensam que são focalizados aqui aqueles que pregavam a lei como motivo da justificação, e não a cruz de Cristo, com sua expiação e graça. Outros preferem apontar para o temor das perseguições como a causa dessa inimizade, já que a cruz era ofensiva para muitos (ver Gl. 6.12, onde Paulo acusa os legalistas dessa ação de covardia). Alguns pensam que o ódio

à cruz era expresso por meio de palavras, e não apenas íntimo e sem exteriorização, porquanto alguns não queriam crucificar o próprio “eu”; e assim, a vida diária que tinham era um opróbrio à cruz de Cristo. O v. 19 descreve tais elementos, pelo menos em parte; nele vemos pecados morais, onde o “eu” é transformado em um deus, onde os apetites sensuais ocupam o primeiro lugar, como aquilo que satisfaz e agrada; e esses apetites sensuais são particularmente designados neste ponto. Mas também não podemos ter dúvidas de que Paulo também pensava sobre aqueles cuja doutrina errônea degradava a cruz de Cristo de alguma maneira.

- Foi mediante a cruz que o mundo ficou crucificado para o apóstolo dos gentios, e ele para o mundo, conforme se lê em Gl. 6.14. Até mesmo sob o disfarce da total aceitação de tudo quanto Cristo representa, acompanhado pela aceitação total de um credo ortodoxo, os crentes se fazem inimigos daquele que afirmam ser o seu maior Amigo. Aqueles que negam o poder da cruz, na prática diária, não são melhores, espiritualmente falando, do que aqueles que a negam através de erros doutrinários. Pois sem a santidade, ninguém jamais verá a Deus (Hb. 12.14). Foi por isso que Paulo pode dizer: “longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl. 6.14).

19 O fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas.

- Estes falsos ensinadores têm como seu destino final a perdição eterna. A ideia trazida pela palavra “fim” (*telos*, no original grego) pode conter também o sentido de um objetivo ou propósito. Os falsos ensinadores têm como propósito a destruição do evangelho, porém o destino final deles será a destruição eterna: “o deus deles é o ventre” - uma frase que indica que adoram a carne (a sensualidade desenfreada). Paulo classifica as obras da carne em Gl. 5.19ss, observando que viver de acordo com a carne é algo diametralmente oposto ao evangelho.

- São relatados aqui cinco fatos a respeito de falsos mestres: 1) são inimigos da cruz de Cristo (v. 18); 2) seu fim é a perdição (vide 2Co. 11.14-15; Hb. 6.8; 2Pe. 2.20); 3) o seu deus é o ventre (vide Rm. 16.18; Is. 56.10-12; Ez. 13.19); 4) sua glória é para confusão deles (vide Gl. 6.13; Tt. 1.10-13; 2Pe. 2.2); 5) só pensam nas coisas terrenas (vide Rm. 8.5-6; 2Pe. 3.3; Jd. 13-20; Mt. 7.15).

- Paulo criticava não só os judaizantes (vide Fp. 3.2-3), mas também os cristãos comodistas ou auto-indulgentes, aquelas pessoas que afirmavam ser cristãs mas não viviam de acordo com o modelo de serviço e sacrifício de Cristo. Tais pessoas satisfazem a seus próprios desejos antes de pensar nas necessidades alheias. A liberdade em Cristo não significa liberdade para ser egoísta. Significa aproveitar todas as oportunidades para servir e se tornar a melhor pessoa possível.

- Este versículo indica que os elementos mencionados não só tinham certos erros doutrinários, mas também viviam para si mesmos, ficando subentendido que tinham alguma forma de imoralidade profunda. Os legalistas, muito provavelmente, foram incluídos nessa acusação; mas é possível que também tenham ficado subentendidas outras formas de erro, tanto éticos como doutrinários. Seja como for, Paulo falava de graves erros neste ponto, que parecem ser piores que as meras crenças legalistas – a tentativa de manter Moisés em primeiro plano, acima de Cristo.

- Certamente, qualquer indivíduo que assim fizesse não seria moralmente corrompido de forma tão visível como Paulo acusa aqui certas pessoas de sê-lo. Assim sendo, Paulo deve ter falado em termos bem amplos, atacando a diversos elementos, associados com a comunidade cristã de Filipos, mas que não mereciam ser reputados discípulos de Cristo, porquanto haviam pervertido

sua conduta diária, não a usando para a glória do Senhor Jesus Cristo. Ao cuidar de ex-pagãos, cujos antigos padrões de vida contradiziam todas as ideias morais dos judeus, Paulo sempre teve de enfrentar certo problema, porquanto aquelas pessoas praticavam muitas coisas que para ele eram chocantes, embora fossem consideradas como coisas sem importância por outros ex-pagãos, agora convertidos ao cristianismo. Assim, pois, Paulo se exibiu como exemplo a ser seguido (v. 17), não por espírito de egoísmo, mas com finalidades práticas, pois aquela gente precisava de algum exemplo claro para que soubessem como agir e viver, como fazer parte da inquirição espiritual.

- Paulo ainda caracteriza os falsos ensinadores como aqueles cuja glória está em sua própria confusão. Alguns comentaristas vêem esta frase, e a que a precede, como uma referência dupla à preocupação dos judaizantes com as leis ligadas à alimentação e à circuncisão (com o termo “confusão” ou “vergonha” referindo-se à circuncisão). Esta interpretação é experimental; deveríamos antes ver esta expressão como indicando o fato em geral, que os falsos ensinadores estão tão pervertidos que realmente se gloriam naquilo que lhes traz vergonha (Rm. 1.18ss). O pensamento destes é “terreno” e se contrasta com o enfoque celestial dos cristãos (ou com as “coisas de cima” – Cl. 3.1). As coisas terrenas são transitórias e passarão, em contraste com as celestiais, que são eternas. Uma orientação terrena é também uma orientação à esfera do pecado e, conseqüentemente, pode ser vista como um paralelo à “carne”.

20 Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,

- Nos versos 20 e 21 Paulo passa a uma descrição daqueles cuja mente não é terrena. Em contraste com os falsos ensinadores, o pensamento dos Filipenses é celestial porque sua “cidadania” está no céu. Aqui vemos outra alusão à cidadania romana, da qual tinham muito orgulho. Os filipenses estavam bem conscientes dos privilégios que possuíam. Quando Paulo estabeleceu a Igreja em Filipos, reivindicou seus próprios direitos como um cidadão romano (At. 16.37). Aqui ele afirma que a única cidadania que realmente importa é a celestial.

- O termo “cidade” aqui (do grego *politeuma*) significa “cidadania”, “pátria”, “direitos civis”, “sociedade” ou “governo”. É usado somente aqui, mas o verbo correspondente (*politeuo*) é usado também em Fp. 1.27, traduzido na ARC como “portar-vos”.

- Paulo ressalta que os cristãos já não são cidadãos deste mundo: tornaram-se estranhos e peregrinos na terra (Rm. 8.22-24; Gl. 4.26; Hb. 11.13; 12.22,23; 13.14; 1Pe. 1.17; 2.11). No que diz respeito ao nosso comportamento, valores e orientação na vida, o céu é agora a nossa cidade. Nascemos de novo (Jo. 3.3); nossos nomes estão registrados nos livros do céu (Fp. 4.3); nossa vida está orientada por padrões celestiais, e nossos direitos e herança estão reservados no céu. É para o céu que nossas orações sobem (2Cr. 6.21; 30.27) e para onde nossa esperança está voltada. Muitos dos nossos amigos e familiares já estão lá, e nós também estaremos ali dentro em breve. Jesus também está ali, preparando-nos um lugar. Ele prometeu voltar e nos levar para junto dEle (ver Jo. 14.2,3; 3.3; 14.1-4; Rm. 8.17; Ef. 2.6; Cl. 3.1-3; Hb. 6.19,20; 12.22-24; 1Pe. 1.4,5; Ap. 7.9-17). Por essas razões, desejamos profundamente uma cidade melhor, ou seja: a cidade celestial. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado nosso Deus, e Ele já nos preparou uma cidade eterna (Hb. 11.16).

- Os cidadãos filipenses tinham o mesmo direito e os mesmos privilégios dos cidadãos de Roma, porque Filipos era uma colônia romana. Da mesma forma, nós cristãos um dia gozaremos de

todos os privilégios especiais de nossa cidadania celestial porque pertencemos a Cristo. Não devemos nos prender tanto a esta vida a ponto de ficarmos tristes pela volta de Cristo.

- “Esperamos”, no original grego, é *apekdechomai*, palavra usada também em Rm. 8.19. É bíblico esperar que o arrebatamento ou a vinda do Senhor nos ares para buscar os santos aconteça a qualquer momento (1Ts. 2.13), mas não a segunda vinda (2Ts. 2.7; Ap. 1.19; 4.1). O arrebatamento e a segunda vinda (ou, como se costuma dizer, a primeira fase e a segunda fase da segunda vinda) são dois eventos separados por pelo menos 7 anos. São mais propriamente tratados como duas vindas distintas (e não duas fases da mesma vinda, como frequentemente se diz), uma nos ares (não na Terra), antes da tribulação, e a outra, na Terra, imediatamente após a tribulação (1Ts. 4.16; Mt. 24.29). Uma é a vinda para buscar os santos (Jo. 14.1-3; Lc. 21.36; 1Co. 15.23,51-54; 1Ts. 4.13-17; 2Ts. 2.1,7; Fp. 3.21; Cl. 3.4) e a outra é a vinda com os santos para estabelecer o reinado de Cristo aqui na Terra (Zc. 14.5; Jd. 14; Ap. 19.11-21).

- Paulo então menciona a expectativa ansiosa da Igreja em relação ao prometido retorno de Cristo. Esperar ansiosamente refere-se ao anseio da criação e da humanidade pelo retorno de Cristo, que trará consigo a consumação final da salvação (Rm. 8.19ss; 1Co. 1.7; Gl. 5.5). Paulo esperava que Cristo pudesse retornar a qualquer momento. Foi positivo sobre a perspectiva de entrar na presença de Cristo, através do retorno do Salvador ou através de sua própria morte.

- Aqui, a introdução da palavra “Salvador” (*soter*) é notável, uma vez que Paulo somente a utiliza em Ef. 5.23 e nas Cartas Pastorais. A palavra indica a salvação final dos cristãos e serve para lembrar aos filipenses de que sua esperança está em Cristo, não em César, que era o salvador proclamado pelo Império Romano.

21 que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas.

- A referência à transformação do nosso corpo fala ou do arrebatamento da igreja (cf. 1Ts. 4.17 e 1Co. 15.51), e isso sem que o crente experimente a morte física, sendo revestido do corpo glorificado (2Co. 5.4), ou da ressurreição dentre os mortos, quando às almas crentes será conferido um “veículo” inteiramente novo, elevado e celestial, totalmente espiritual, apropriado para a existência nos lugares celestiais. Literalmente, no presente contexto, Paulo pensava sobre o processo de transformação, sem o qual o crente terá de passar pela morte física, porquanto aguardava o retorno de Cristo, o Rei transformador, ainda durante a Sua vida terrena.

- No original grego, “transformará” é *metaschematidzo*, que significa “mudar de forma”, “transformar”. Dentro do vocabulário paulino e neotestamentário, esse verbo significa “modificar de uma natureza para outra”, embora isso não esteja necessariamente implícito no próprio termo grego. Não sabemos dizer se os elementos de nosso antigo corpo serão transformados, ou se outro corpo nos será conferido, mas isso não se reveste de importância apreciável. A ressurreição poderá ser uma “nova criação”, mas pode ser nova criação do corpo, devolvido ao espírito. O que se sabe é que a ressurreição será do corpo. No caso da transformação repentina dos crentes vivos, por ocasião do segundo advento de Cristo, pode-se supor a transformação real dos elementos do antigo corpo (1Co. 15.20). O que realmente importa é que possuiremos o corpo celestial, o veículo da alma nos lugares celestiais.

- O corpo ressurreto dos remidos não será nem corpóreo nem atômico; ao contrário, será dotado de uma substância inteiramente espiritual, passando a agir como o veículo da alma, que também é de natureza espiritual. É provável que graus variados de glorificação também indicam graus

variados de espiritualização do corpo, de acordo com aquilo que melhor se adapte ao progresso espiritual de cada crente individual, conforme pensavam alguns dos pais da igreja. E isso apesar do estado de espiritualização não ser estagnado, mas antes, sempre será sujeito a progresso, atingindo sempre novos níveis de espiritualização, de glorificação mais elevada, o que caracterizará a existência de todos os seres celestiais, no estado eterno.

- O conceito básico do homem, defendido por Paulo, é que o homem já é um ser espiritual, e que o corpo físico é apenas a sua tenda ou veículo terreno. Platão se referia ao corpo como a “prisão da alma”; e Pitágoras o apelidava de “sepulcro da alma”. Na realidade, o homem não pertence a esta dimensão terrena; pelo contrário, por seu demérito é que veio a cair nela. Porém, a estatura de seu ser o torna apto para habitar nas dimensões celestiais e espirituais. Não fora o pecado, e mui provavelmente o homem seria da estatura dos anjos, quanto à sua natureza e quanto aos seus poderes. Entretanto, em Cristo, devido à gigantesca transformação que Ele está operando em nós, os remidos serão elevados muito acima dos próprios anjos, porque compartilharão da própria natureza de Cristo.

- Por ocasião de sua volta, o Salvador realizará a transformação final, conduzindo a salvação ao seu ápice. A transformação que Paulo antecipa aqui é aquela na qual nossos corpos, ainda em um estado humilhado, serão finalmente redimidos. Cristo, que humilhou-se na encarnação (Fp. 2.6-8), foi glorificado através de sua ressurreição e ascensão corpórea (Fp. 2.9-11); agora, os cristãos estão antecipando seu retorno. À luz da morte vicária de Cristo na cruz, os cristãos são justificados, embora ainda tenham que lidar com o pecado, a fraqueza e as limitações de um corpo físico em um mundo caído. De qualquer modo, a redenção não culminará com a libertação deste corpo, como muitos no mundo greco-romano estavam antecipando. Na consumação da salvação, o próprio corpo será redimido. Este novo corpo terá a mesma forma (*symmorphon*) do corpo ressurreto de Cristo – será eterno e conseqüentemente imortal, imperecível. Isto é realizado através da obra do poder divino, pelo qual Cristo trará todas as coisas à sujeição a si mesmo (Fp. 2.10).

- A expressão “nosso corpo abatido” não implica qualquer atitude negativa em relação ao corpo humano. Entretanto, o corpo que receberemos depois da morte será tão glorioso quanto o corpo ressuscitado do Senhor Jesus Cristo. Aqueles que lutam com a dor, as limitações, defeitos físicos ou incapacidades podem ter uma maravilhosa esperança na ressurreição (ver 1Co. 15.35ss; 2Co. 5.1-10).

- Algumas traduções dizem aqui “corpo vil” (veja-se, por exemplo, o texto da King James Version, a versão mais usada da Bíblia na língua inglesa: “*who shall change our vile body*”), mas tal tradução não é correta. O vocábulo grego *tapeinosis* significa “humilhação”, “estado humilde”, não dando a entender qualquer maldade inerente e corrupta. O Novo Testamento jamais vê nosso corpo físico como mau por si mesmo, embora o exponha como presa fácil do princípio do “pecado-morte”, conforme se vê por todo o cap. 6 de Romanos. Como disse Whately, “nada de tudo quanto Ele fez é vil”. Porém, uma alma eterna, presa em um corpo, encontra-se em estado de humilhação, tal como a mesma palavra, em forma verbal (*etapeinooen*), é empregada para descrever o estado de Jesus Cristo em sua encarnação (Fp. 2.8).

- A encarnação foi uma humilhação para o Filho de Deus, trazendo-o a um estado muito abaixo de seu verdadeiro valor. Como fato inarredável, esta terra é lugar próprio para a vida animal, mas fica muito aquém da dignidade verdadeira do homem. E o homem se encontra aqui somente porque se rebaixou até a uma posição animalesca. Mas a inquirição espiritual tem por fito elevar-nos para fora desse estado aviltante, a fim de compartilharmos da própria natureza de Cristo, para sermos seres dotados de Sua natureza e de Seu poder extraordinários.

- A teologia judaica geralmente usava o termo “corpo” em alusão ao ser inteiro. Portanto, quando se diz que nossos corpos serão transformados para serem iguais ao corpo celestial de Cristo, devemos lembrar que esse conceito inclui, por semelhante modo, a glorificação do espírito. De fato, esse é o aspecto essencialmente em pauta, porquanto o corpo espiritual (ver 1Co. 12.20) será apenas veículo apropriado para a alma, ao passo que a alma (ou espírito) será sempre a pessoa na sua essência.

- Por ocasião do arrebatamento, quando da ressurreição, a alma remida receberá um novo veículo de expressão, o corpo espiritual. Esse corpo será igual ao tipo de veículo espiritual possuído pelo próprio Cristo. Isso significa que o próprio espírito será transformado, de modo a compartilhar da modalidade de vida, da natureza e da imagem do próprio Cristo. Isso é claramente ensinado em Rm. 8.29.

- O corpo celestial constituirá uma antítese do corpo físico atual. E a combinação formada por corpo físico-alma constitui uma antítese do futuro homem remido, que se comporá de alma-corpo espiritual. Isso significa que tudo quanto é temporal será removido. O homem não mais será um mortal; será imortal, um verdadeiro filho de Deus, tal como o próprio Cristo é o Filho. O homem compartilhará da mais elevada forma de vida, a saber, da natureza do próprio Deus, em grau finito, mas em proporções sempre crescentes, pois a glorificação será um processo (ver 1Co. 8.6).

- Uma antítese pode ser observada neste texto: o “corpo abatido” será substituído pelo “corpo glorioso”. O homem, que anteriormente era terreno, tornar-se-á então um ser celestial, dotado de um veículo apropriado para a sua manifestação nos lugares celestiais, tal como o seu corpo físico era um veículo apropriado para este nível terreno. Nessa transformação, o homem redimido será elevado muito acima dos mais exaltados arcanjos, porquanto será a própria plenitude de Cristo (ver Ef. 1.23).

- Os versos 20 e 21 são um maravilhoso paralelo ao texto de Fp. 2.6-11. Paulo repete alguns conceitos-chave. Aquele que tomou a forma de um escravo (*morphe*, Fp. 2.7) transformará os corpos dos cristãos para que assumam a mesma forma (*symmorphe*, Fp. 3.21) de seu glorioso (*doxa*, Fp. 2.11; 3.21) corpo. Jesus, que através de sua encarnação veio a ter uma semelhança humana (*schema*, Fp. 2.7), deseja, através da obra do poder de Deus, transformar (*metaschematizo*, Fp. 3.21) o cristão. O motivo da obediência universal a Cristo (Fp. 2.10) é refletido adiante na sujeição de todas as coisas a Cristo (Fp. 3.21). Além disso, Paulo usa o seguinte título para Cristo: *kyrios Iesous Christos*, que significa “O Senhor Jesus Cristo” (Fp. 2.11; 3.20).

- Paulo conclui esta exortação em Fp. 4.1 pedindo aos filipenses que permaneçam firmes no evangelho verdadeiro e no modo de viver resultante, assim como um soldado defenderia uma posição em uma batalha (Fp. 1.27). Esta exortação denota o forte desejo do apóstolo acerca do bem de seus amigos íntimos. Eles são primeiramente “irmãos [e irmãs]”, membros da família de Deus, o corpo de Cristo. Como tais, são muito amados por Paulo e sua ausência é profundamente sentida pro ele. São a fonte de sua “alegria [*chara*] e coroa” (*stephanos* – uma grinalda, recebida pelos vencedores de eventos atléticos). De certo modo, os filipenses serão parte da recompensa escatológica de Paulo (Fp. 2.16), mas são também, no presente, sua alegria e a recompensa por seu trabalho entre eles.

- Em Fp. 3.9 temos o relato do começo da salvação, bem como a súplica de tudo quanto somos em Cristo, a justificação pela fé, a nossa união com Cristo, a justiça de Deus que nos é dada

mediante a fé, encontrada em Cristo. A vida presente é assinalada idealmente pelo esforço intenso de alcançarmos esse alvo, posto à nossa frente, e que é a razão mesma pela qual Cristo nos salvou. Nossa união vital com Cristo torna-nos membros de sua comunidade celestial, o outro mundo, de onde também esperamos a volta do Senhor. Finalmente, haverá aquela grande transformação, a glorificação, quando então receberemos nossos corpos celestiais, ao entrarmos no estado eterno, onde haveremos de participar da própria imagem, da natureza e das perfeições do Filho de Deus.

- É importante lembrar que a alma, e não o corpo espiritual, é a real agência da transformação espiritual, pois a alma é o homem real. Logo, a alma está sendo transformada agora, e tomará a natureza divina, como Cristo a tem. A alma terá como seu veículo o corpo espiritual, que não será atômico, ou físico em qualquer forma, mas pura e altamente espiritual em sua composição. Provavelmente Paulo usa o termo “corpo” para incluir a ideia do ser humano total, como era comum no vocabulário teológico judeu. Logo, quando fala em compartilhar do corpo espiritual de Cristo, ele também quer dizer que deve compartilhar da Sua própria natureza metafísica, a essência da divindade.

- Tendo falado sobre algo extraordinário que será realizado, em seus estágios iniciais, o apóstolo passa a revelar-nos como isso poderá tornar-se uma realidade. O grande Rei possui toda a autoridade, nos céus e na terra. Normalmente, nas páginas do Novo Testamento, o poder é ilustrado sob a figura da ressurreição. E note-se que o poder que foi necessário para ressuscitar a Cristo dentre os mortos, e que fará então que sejamos a plenitude de Cristo, quando ele for declarado como o Cabeça de todo o universo (ver Ef. 1.19ss), começou a agir quando de Sua ressurreição, tendo aumentado quando de Sua ascensão, e tendo chegado ainda a maiores alturas quando de Sua glorificação. Esse poder tem, como um de seus subprodutos, a sujeição de todas as coisas e de todos os seres criados ao nome de Cristo, tanto daquilo que está nos céus, como daquilo que está na Terra, como principados, poderes, domínios etc. O trecho de Fp. 2.10 acrescenta “debaixo da terra”, dando a entender o lugar dos espíritos dos mortos, o *hades*.

- Está aqui em foco, portanto, o poder que nos ressuscita juntamente com Cristo e que subjugará todas as coisas a ele, a saber, o poder de Deus, que opera de diversas maneiras, mas todas elas de natureza benéfica. Tudo será sujeitado a Cristo. Em Fp. 2.10 a mesma expressão se encontra, com maiores detalhes. Essa sujeição de todas as coisas a Cristo é o tema do mistério da vontade de Deus, quando todas as coisas serão restauradas em torno de Cristo, tendo Ele como Cabeça (ver Ef. 1.10).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 5, 2002.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Confrontando os inimigos da cruz de Cristo**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- NEVES, Natalino das. **Confrontando os inimigos da cruz de Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **Confrontando os inimigos da cruz de Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- CABRAL, Elienai. **Lições bíblicas: Filipenses – A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja**. Editora CPAD, 2013.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.